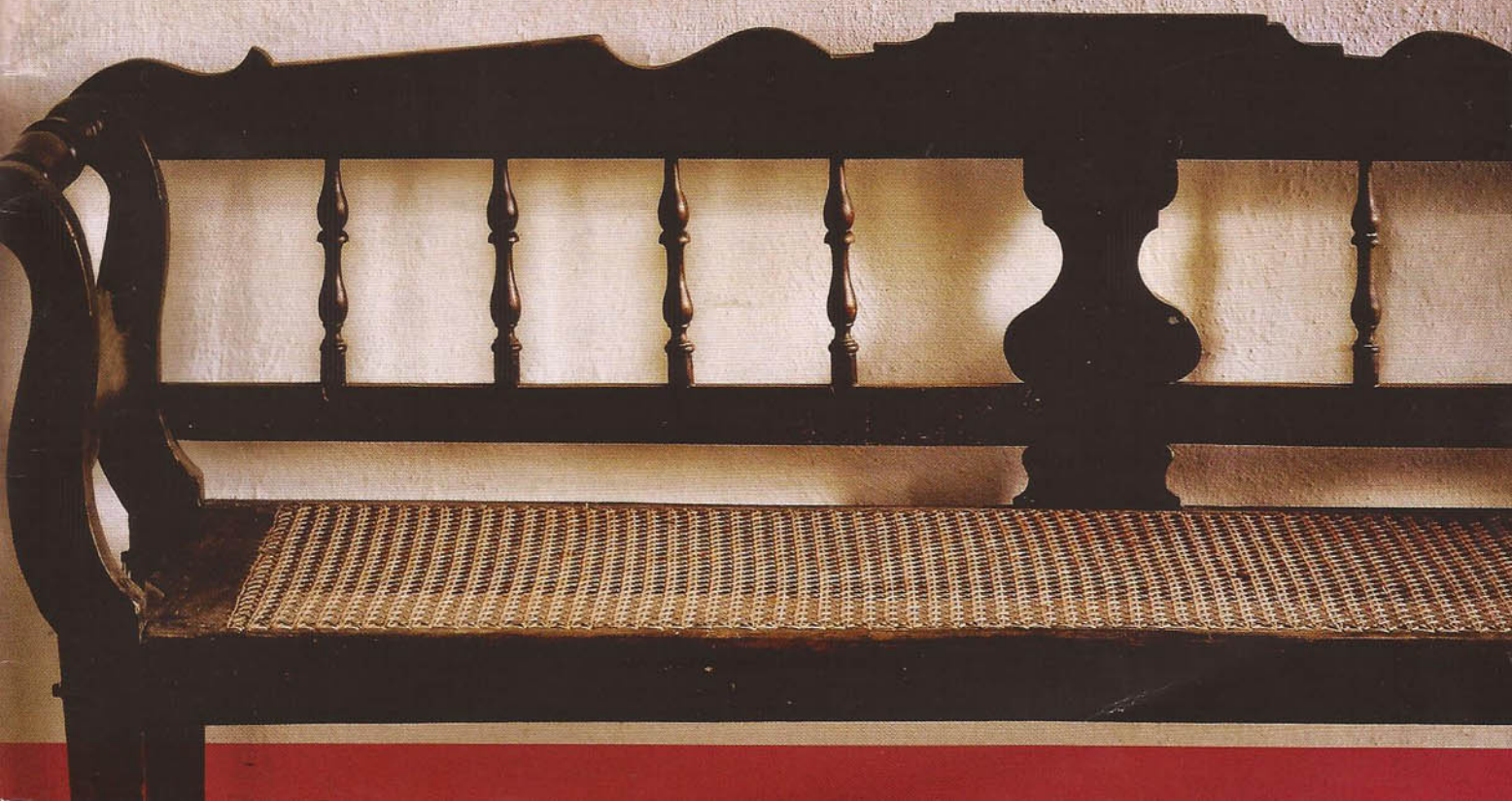


revista
vila nova
edição 03

R\$ 5,90



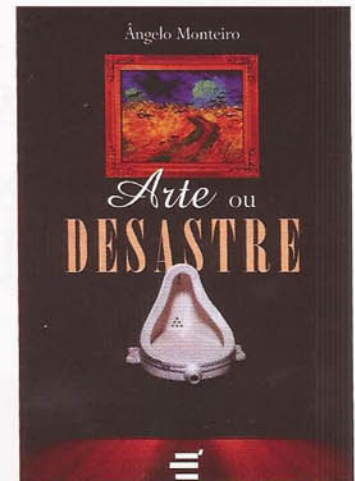
ARTE OU DESASTRE

Bernardo Souto

“A finalidade da arte é elevar.” Não, esta frase não foi proferida por aquele professor de Filosofia octogenário que, com sua visão míope e preconceituosa, nega a importância de toda e qualquer produção literária oriunda do século XX, subestimando o valor de poetas essenciais como, por exemplo, William Butler Yeats, T.S. Eliot, Rainer Maria Rilke, Giuseppe Ungaretti e Saint-John Perse. A frase é de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas que a Língua Portuguesa já produziu.

Apesar de ser um escritor que soube traduzir como poucos o niilismo do homem moderno— as grandes odes do seu heterônimo¹ Álvaro de Campos (um dos autores fictícios dos quais o poeta assumia a personalidade) o atestam —, Pessoa tinha a consciência de que a arte só seria válida na medida em que alargasse a nossa visão de mundo, elevando o nosso nível de sensibilidade e de compreensão acerca da existência. Seguindo esta diretriz, o poeta e filósofo Ângelo Monteiro, em seu livro **Arte ou Desastre** (É Realizações, 2011), demonstra, com profundidade de análise e solidez nos argumentos, a relação existente entre a inversão de valores (tão característica do nosso tempo) e a decadência estética, decadência que fez boa parte dos críticos contemporâneos festejar a obra de embusteiros como Marcel Duchamp (aquele comprou um mictório, chamou de “A fonte” e disse que era uma obra de arte) e Andy Warhol.

Em todos os ensaios de **Arte ou Desastre**, sobretudo em “A barbárie cultural como esquecimento de valores éticos, estéticos e filosóficos”, ou em “Pauperização da arte, regressão mental e esvaziamento da cultura” e “A língua das coisas e sua relação com o imaginário”, podemos constatar a indiscutível pertinência das palavras do poeta inglês T.S. Eliot, segundo o qual “uma arte enferma é fruto de uma sociedade enferma”, sendo, naturalmente, a recíproca verdadeira. O grande mérito do livro do filósofo Ângelo Monteiro, portanto, é a corajosa denúncia de tal enfermidade,



enfermidade que a maioria dos intelectuais – ou por ignorância ou por desonestidade – faz questão de encobrir. É que, nos dias de hoje, devido à influência de ideologias como o marxismo cultural e o desconstrucionismo derridiano, “o valor [artístico] é a última questão a merecer debate – inclusive no seio da Universidade”.

Sendo assim, Ângelo Monteiro, de maneira lúcida e categórica, conclui que, atualmente, “as coisas têm peso apenas enquanto provocam ruídos nas agências noticiosas de plantão. As artes, por consequência, não poderiam escapar a análises desse tipo, já que o menor juízo estético foi sendo palatinamente substituído pelo critério publicitário mais arbitrário e mais aleatório. Para essa ideologia ora dominante, todas as coisas se equivalem, e o critério de valores vai comumente perdendo terreno para o último modismo imposto pelos meios de comunicação de massa. Dessa forma, o relativismo de certa sociologia da arte cedeu seu lugar ao relativismo bem mais pobre do noticiário mais recente. O exemplo mais categórico dessa postura que vem se fazendo mais usual, talvez seja a declaração um tanto debochada e cruel do compositor Stockhausen, que, face ao pavoroso ataque terrorista ao World Trade Center, em Nova York, no ano de 2001, considerou-o ‘a maior obra de arte de todos os tempos’”.

Mas nem tudo está perdido, pois, como nos alertou Friedrich Nietzsche, são em tempos “de grande perigo que aparecem os filósofos. Então, quando a roda rola com sempre mais rapidez, eles e a arte tomam o lugar dos mitos em extinção. Mas projetam-se muito à frente, pois só muito devagar a atenção dos contemporâneos para eles se volta”. Que a nossa atenção não tarde a se voltar para a mensagem de Ângelo Monteiro, caso contrário não mais poderemos optar pela **Arte**, visto que o **desastre** já estará consumado. ■

¹ Os heterônimos constituem várias pessoas que habitam um único poeta. Cada um deles tem a sua própria biografia, sua temática poética singular e seu estilo específico

² Arte ou Desastre, p. 242.

BERNARDO SOUTO é poeta e ensaísta, autor de dois livros de poemas: *Elogio do silêncio* (2010) e *Teatro de Sombras* (2011).